

D. Vicente diz que parte da Igreja confia no marxismo

Da Sucursal
e do Correspondente

O arcebispo de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, em sua alocução de ontem, ao programa radiofônico "A Voz do Pastor", disse que alguns grupos dentro da Igreja, que tentam subverter a hierarquia das finalidades, voltam-se confiantes para o marxismo e adotam parte de sua filosofia e sua análise crítica da História, essencialmente materialista. Como exemplo, "inequívoco e lamentável", dom Vicente Scherer citou o "Movimento dos Cristãos para o Socialismo".

"Colocando em último lugar ou abandonando totalmente as preocupações de ordem transcendente, moral e religiosa, (esses grupos) estabelecem objetivos de interesse e caráter meramente social, antropológico e temporal", disse d. Vicente.

Segundo o arcebispo, essas correntes "colocam-se fora da Igreja e em oposição a clara doutrina do Evangelho. Encerram a salvação no marco estreito de lutas individuais e coletivas, pacíficas e violentas, ao serviço de mera promoção humana secularista. Este esvaziamento da mensagem cristã reduz a alguns valores culturais e discutíveis ideológicas sócio-econômicas, iguais a outras muitas do tempo passado e presente".

"Na medida da perfeição com que a Igreja conseguir executar sua tarefa primordial — prosseguiu d. Vicente —, recebida da instituição e do exemplo de Cristo, ela terá influência na opinião pública e na vida da sociedade humana, para a feliz solução também dos problemas e das necessidades de toda a ordem que enfrenta e a afligem e para estabelecimento da fraternidade, da justiça e da elevação do nível de vida das populações".

A esse respeito, o arcebispo de Porto Alegre citou recente documento do papa Paulo VI sobre a evangelização, segundo o qual "a Igreja perderia sua significação mais profunda, sua mensagem libertadora não teria nenhuma originalidade e se prestaria a ser assumida e manipulada por sistemas ideológicos e partidos políticos e não teria autoridade para anunciar da parte de Deus a libertação". E d. Vicente afirmou

não ter fundamento a alegação de que "a fé se envolve num manto de alienação e educa elementos passivos, contemplativos e conformados com a opressão". Para ele, este conceito equivale, "em palavras modernas, atualizadas", à "obsoleta objeção marxista de que a religião é o ópio do povo".

O ministro Rangel Reis, do Interior, viaja hoje para Porto Alegre, onde visitará o cardeal arcebispo Vicente Scherer, que se restabelece de uma cirurgia, no hospital da Divina Providência. Amanhã, o ministro seguirá para Cachoeira do Sul, a fim de inspecionar as obras de saneamento urbano que o Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS) está realizando naquele município.

D. Vicente Scherer, na última semana, em sua mensagem "A Voz do Pastor", criticou a intenção do ministro Rangel Reis de afastar missões religiosas que atuam junto aos índios. Na ocasião disse o arcebispo de Porto Alegre: "As autoridades que viajam com vistoso séquito de funcionários, fotógrafos, filmadores e radialistas, festivamente recebidos, não fazem idéia do que representa, em holocausto pessoal, em desinteresse e amor, toda uma vida colocada pacientemente a serviço da população indígena".

D. ESTEVÃO

Nove bispos de vários estados do Brasil realizaram sábado e domingo da semana passada, em Conceição do Araguaia, no Extremo Sul do Pará, uma manifestação de solidariedade ao bispo dom Estevão Cardoso Avelar, daquela prelaia, acusado de insuflar posseiros à revolta contra as autoridades federais. De uma missa conjunta celebrada na matriz de Conceição do Araguaia participaram os bispos de São Félix do Araguaia, Porto Nacional, Bragança, Itapuranga, Cândido Mendes, Goiânia, Mateus, e Propriá, dos Estados de Goiás, Mato Grosso, Pará, Piauí e Ceará, além dos representantes de 10 outras dioceses desses mesmos Estados.

Os bispos e religiosas quiseram demonstrar sua solidariedade ao bispo de Conceição do Araguaia, indicado no inquérito instaurado pela 8ª Região Militar, em Belém, para apurar o ataque de posseiros à tropa da Polícia Militar que protegia funcionários do Incra, durante uma demarcação de terras, do qual resultou a morte de dois soldados. O bispo foi acusado como insuflador dos posseiros e teve que prestar dois depoimentos, um deles alongando-se por 12 horas, em dois dias, além de ser ameaçado de enquadramento como réu no inquérito.

A manifestação, organizada sem o conhecimento de dom Estevão, quis demonstrar, segundo um de seus participantes, que a Igreja "não está disposta a compartilhar das acusações levantadas contra um de seus ministros, além de confiar que as medidas ou posições adotadas pelo bispo estão de acordo com as orientações missionárias da Igreja Católica".

Os religiosos retornaram ontem a seus Estados, enquanto D. Estevão seguiu para Belém a fim de prestar novo depoimento no IPM, cujo prazo legal para a apresentação das conclusões terminou dia 16, sem que o relatório fosse encaminhado à Auditoria Militar.

MISSIONÁRIAS

As três missionárias impedidas pela Funai de continuar trabalhando junto aos índios de Purus, no Acre, numa decisão que motivou violento protesto — divulgado até pela rádio do Vaticano — do bispo Moacyr Grecchi, presidente da Comissão de Pastoral de Terras da CNBB, estava criando "um clima de agitação" entre as tribos. Essa explicação foi dada ontem, em Brasília, pelo presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, que na sexta-feira alegava não ter informações suficientes sobre o assunto.

"Nenhuma missionária foi expulsa daquela região", disse ontem o presidente da Funai, referindo-se à condição de leigas das

três mulheres. E explicou que, em outubro do ano passado, elas obtiveram autorização da Funai para atuar nas aldeias durante três meses. Como, posteriormente, seu trabalho estava levando os índios a "agir contra a Funai", a autorização foi cancelada e elas retiradas da área, "sem violência".

Respondendo ao protesto do bispo da prelaia de Acre-Purus, o general Ismarth limitou-se a dizer que as voluntárias "não corresponderam à confiança depositada pela Funai".